



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

CONSUMO MEDIÁTICO, MEDIAÇÕES E (I)MOBILIDADES

Luciana Velloso

lucianavss@gmail.com

Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Brasil

Cristine Castro

cristine.scn@gmail.com

Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Brasil

Jacyra Carioca

jacyrac@ymail.com

Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

RESUMO:

Tendo como escopo teórico-analítico do "Paradigma das Mobilidades", elaborado por John Urry (2000, 2007, 2010), a pesquisa se desenvolve com base em metodologias de cunho etnográfico, utilizando-se de observações, registros em caderno de campo, questionários, entrevistas gravadas e transcritas, temos como objetivo entender, a partir da ótica dos discentes da Faculdade de Educação do Curso de Pedagogia da UERJ, como avaliam seus níveis de deslocamento, pertencimento, inserção e imersão nesta lógica global mais ampla (em interlocução com o macro), mediados pelos recursos multimidiáticos, com destaque para as mídias digitais móveis. Buscando desenvolver um trabalho junto aos discentes do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), apresentamos algumas considerações sobre pesquisa que está se desenvolvendo, articulando o tripé currículo, tecnologias, diferentes espaços de sociabilidades e influências culturais, tentando compreender este espaço de interseção que envolve os usos dos recursos tecnológicos e da vida em rede (CASTELLS, 1999, 2003, 2008, 2012; LEMOS e DI FELICE, 2014) perpassando o ambiente mais amplo de circulação de alunos e alunas, cujas identidades e pertencimentos são cada vez mais instáveis e contingentes. Com a pesquisa, procuramos avaliar elementos como as facilidades e dificuldades dos discentes para lidarem com os recursos tecnológicos, as cobranças docentes e a relação com o currículo do curso, as diferentes formas de comunicação entre as turmas e como tais elementos repercutem em sua socialização dentro do espaço universitário.

ABSTRACT

Having as theoretical-analytical scope of the "Paradigm of Mobility", elaborated by John Urry (2000, 2007, 2010), the research is developed based on ethnographic methodologies, using observa-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

tions, records in field notes, questionnaires, interviews recorded and transcribed, we aim to understand, from the perspective of the students of the School of Education of the UERJ Pedagogy Course, how do they evaluate their levels of displacement, belonging, insertion and immersion in this broader global logic (in interlocution with the macro), mediated by multi-media re-courses, especially mobile digital media. Looking to develop a work with the students of the Pedagogy course of the University of the State of Rio de Janeiro (UERJ), we present some considerations about research that is developing, articulating the tripod curriculum, technologies, different spaces of sociabilities and cultural influences, trying to understand this space of intersection that involves the uses of technological resources and of the life in network (CASTELLS, 1999, 2003, 2008, 2012, LEMOS and DI FELICE, 2014), passing through the wider circulation environment of students, whose identities and belongings are increasingly unstable and contingent. With the research, we tried to evaluate elements such as the facilities and difficulties of the students to deal with the technological resources, the teacher charges and the relation with the curriculum of the course, the different forms of communication between the classes and how these elements reverberate in their socialization within of university space.

PALAVRAS-CHAVE: Novas Tecnologias na Educação - Mídias Digitais e Processos de Ensino e Aprendizagem - Processos de Socialização.

Keywords: New Technologies in Education - Digital Media and Teaching and Learning Processes - Socialization Processes.

I. Introdução

Em meio a um contexto no qual cada vez mais percebemos a proliferação de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC), a questão da velocidade é se coloca de modo pungente nos grandes centros urbanos. A fusão da tecnologia com a cultura (JOHNSON, 2001), hoje parece ganhar novos contornos cada vez que a partir de um simples toque de nossos polegares em um sensor de uma tela de cristal líquido nos permite acesso a um mundo que em outros tempos parecia impensável.

O discurso sobre a educação como uma das saídas para o enfrentamento de problemas não resolvidos da desigualdade e da não cidadania foi sendo estrategicamente construídos, pelo menos desde os anos de 1990. Surgiram demandas no interior do campo da educação – por novas formas de relação entre professores e alunos; pela inversão de modelos educativos baseados na transmissão de conhecimentos e correspondentes formas de “aferição da aprendizagem” por modelos baseados



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

em diferentes formas de raciocínio crítico e complexo voltado ao desenvolvimento de uma capacidade de aprender; por reconhecimento de diferenças tradicionalmente escamoteadas ou de identidades emergentes no currículo escolar (BURITY, 2010).

Com a chegada do século XXI, querendo as escolas ou não, as NTIC estão fazendo parte do cotidiano de nossos alunos e alunas e, sem pedir licença, vão adentrando as salas de aula e muitas vezes gerando conflitos entre professores e alunos, que podem ver-se mutuamente como verdadeiros “alienígenas”, conforme nos indicam Green e Bigum (1995). Vai se consolidando a visão de que os meios de comunicação, sobretudo as NTIC representavam um veículo privilegiado para um projeto de cidadania, o que demanda um novo perfil de docente que esteja preocupado não mais apenas com uma formação para a leitura de livros, mas que leve em conta outro tipo de alfabetização, a da informática e das multimídias (MARTÍN-BARBERO, 2000, p.57). Assim, a questão da cidadania tem sido muito associada à capacidade da escola de formar leitores críticos de textos e hipertextos e a escola como um dos espaços que precisa se adequar a esta sociedade cada vez mais informatizada.

García Canclini (2001) indica que o exercício da cidadania tem estado cada vez mais atrelado ao consumo de bens simbólicos e produtos midiáticos. Há que se deixar registrado que para parte da população, o contato com esses recursos tecnológicos é algo muito insipiente e fragmentado para que possamos dizer que estão conectados a essa teia informacional. A escola é para esses grupos o locus por excelência onde podem usufruir de um computador sem que precisem pagar para isso nas *lan-houses*.

Entender as novas tecnologias como um fenômeno social é entender que ela revolucionou não só a comunicação, mas também as relações humanas. E se como diz Brandão (1987), entendemos que educação são todas as relações inter e intra-pessoais, precisamos admitir que o advento dos novos recursos tecnológicos reconfiguram cada vez mais as estruturas educacionais.

A opção de trabalhar, por vezes, com o termo letramento ou alfabetismo em lugar de alfabetização, para o presente texto, aconteceu, principalmente por se considerarmos que alfabetizado é aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever, prática eminentemente escolar e restrita, e não aquele que se apropriou das práticas sociais que demandam o uso da leitura e da escrita, que leva em conta os conhecimentos desenvolvidos pelos sujeitos, mesmo os não alfabetizados, nas suas práticas coti-



dianas, em sociedades letradas (SOARES, 2017). Deste modo, optamos por nos apropriar desta concepção de letramento para pensar processos de letramento e inclusão digital.

Nossa pesquisa toma como foco a visão dos alunos e alunas do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e a importância do acesso e do uso dos recursos tecnológicos em suas vidas universitárias. Através de trabalho de cunho etnográfico que se utiliza de observações, registros em caderno de campo e questionários, buscamos entender, a partir da ótica dos discentes da Faculdade de Educação do Curso de Pedagogia da UERJ, como avaliam seus níveis de deslocamento, pertencimento, inserção e nesta lógica global mais ampla (em interlocução com o macro), mediados pelos recursos multimidiáticos, com destaque para as mídias digitais móveis. Com a pesquisa, procuramos avaliar elementos como as facilidades e dificuldades dos discentes para lidarem com os recursos tecnológicos, as cobranças docentes e a relação com o currículo do curso, as diferentes formas de comunicação entre as turmas e como tais elementos repercutem em sua socialização dentro do espaço universitário.

II. Marco teórico/marco conceitual

De acordo com Lemos e Di Felice (2014), a Internet é a quarta inovação tecnológico-comunicativa, seguida pela banda larga, pela Web 2.0 e atualmente já caminhando para a Web semântica. As inovações precedentes foram, no entendimento do autor, verdadeiras revoluções, como a passagem da oralidade para a escrita, a tipografia no século XV, com a invenção de Gutemberg e a eletricidade que trouxe consigo a mídia de massa (TV, cinema, imprensa, etc.).

Como avalia Castells (2003) em “A galáxia da internet”, podemos considerar que, utilizando a metáfora da “galáxia”, a Internet é vista cada vez mais como o tecido de nossas vidas, tornando-se a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede. Contribui com suas reflexões sobre como os espaços públicos e os movimentos sociais estão sendo repensados a partir do momento em que pode haver uma conexão nos espaços virtuais, prévia à relação face a face. A possibilidade de se alcançar um número maior de receptores é vista como fonte de esperança em um cenário de novas possibilidades de comunicação e construção de poder (CASTELLS, 2013, 2015).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A partir das discussões apresentadas por John Urry (2007, 2010) temos pensado sociologicamente sobre como os novos avanços tecnológicos têm imbricado novas maneiras de constituir e organizar identidades, através de vários espaços e tempos, consolidando denomina “Paradigma das Mobilidades” (URRY e ELLIOT, 2010). Em “Mobile Lives”, discute-se um conceito que para esta pesquisa será central, que é o de “capital de rede”. Para além dos capitais econômico, cultural, social e simbólico, o autor incluiu o capital de rede. Este envolve a capacidade de movimento em diversos ambientes, incluindo a habilidade, competência e interesse em usar telefones celulares, SMS, e-mail, internet, Skype etc.; acesso amplo a informações e contatos; equipamentos de comunicação, dentre outros.

Em linhas gerais, capital de rede refere-se à capacidade de engendrar e manter relações sociais com pessoas que não estão necessariamente próximas e que podem gerar benefícios emocionais, financeiros e práticos. É necessário frisar que as mobilidades em si não significam nada, a questão mais determinante é a capacidade do indivíduo de usá-las em prol de si mesmo e daqueles que pretende beneficiar.

De certa maneira, os autores supracitados trabalham com a ideia de uma sociedade na qual a rede (*network*) adquire suma importância. Com base nessas premissas, Elliott e Urry (2010) examinam sociologicamente os impactos do *networking*. Abordam como o capital de rede é construído e que, tal como o capital de Marx, é objeto de poder e desigualdade, podendo ser operado para beneficiar algum grupo social à custa de outros grupos. A mobilidade de alguns depende de que outros tantos estejam imóveis. Sublinha-se, sobretudo, que os autores postulam que o desenvolvimento dessas redes e da comunicação à distância não substituiria o contato face a face, mas, sim, serviria como uma nova alternativa.

Retomando a discussão sobre mobilidade, durante algumas décadas não consideradas relevantes pelas ciências sociais, as ideias de Simmel sobre o movimento e seus impactos na vida cotidiana foram retomadas por Urry e seu denominado “Paradigma das Mobilidades”.

A mobilidade, tal como a entendem Elliot e Urry (2010), pode ser considerada um importante fenômeno da sociedade contemporânea. Trata-se de um elemento fundamental da vida cotidiana que se relaciona com a capacidade de experimentar a mobilidade reorganiza a vida social e define a



sociedade contemporânea como uma sociedade que está permanentemente em movimento, e por isso deve ser analisada a partir do ponto de vista da experiência da circulação.

Estabelecendo um diálogo que Elliot e Urry (2010) fazem com Zygmunt Bauman, percebo que há muitos pontos em comum entre a noção de *liquidez* generalizada discutida por Bauman e a concepção das mobilidades. Embora sejam focos analíticos distintos, os autores trazem para o centro das suas análises esse caráter fluído do mundo contemporâneo em interface com a construção das identidades (FREITAS, 2014).

Bauman indica que é o grau de mobilidade, ou seja, é a liberdade para escolher onde estar, que estratifica seus membros (BAUMAN, 1999, p. 94). Isso equivale a afirmar que apesar da evolução tecnológica – seja no âmbito do transporte ou da informação –, a mobilidade física reflete e reforça as desigualdades sociais. O uso das diferentes tecnologias apresentam limites na medida em que ao mesmo tempo em que ela viabiliza a interação de pessoas instaladas nos mais diversos lugares do mundo, ela compromete os relacionamentos locais; ao mesmo tempo em que é possível ter contato com um número maior de pessoas, menos tempo é direcionado a cada uma (ADAMS, 2011), favorecendo a quantidade em detrimento da qualidade dos relacionamentos, favorecendo a frequência em detrimento da profundidade.

É o que Bauman (2009), atento aos aspectos questionáveis dos novos tipos de interações sociais, indica em sua obra “Vida Líquida”, referindo-se a esta como uma vida em condições de incerteza constante. São constantes reinícios que dificultam a perspectiva de projetos de vida baseados em projeções de longo prazo.

As práticas contemporâneas ligadas às tecnologias da cibercultura têm configurado a cultura contemporânea como uma cultura da mobilidade. Diversos autores indicaram como as sociedades contemporâneas estão imersas em um processo de territorializações e desterritorializações sucessivas (DELEUZE e GUATTARI, 2011; GUATTARI, 2012), de práticas nômades e tribais, tanto em termos de subjetividade como de deslocamentos e afinidades (MAFFESOLI, 2001, 2010), de constituição de uma sociologia da mobilidade (URRY, 2000, 2007, 2010; ELLIOTT e URRY, 2003) e das associações e agências dos atores sociais, suas mobilidades e circulações através de seus rastros (LATOUR, 2012; LEMOS, 2013).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Desse modo, identificamos a importância de questionarmos até que ponto nossos estudantes se utilizam e se apropriam de diversos recursos tecnológicos, tais como telefones celulares, e-mails, Internet, aplicativos de conversas instantâneas etc.; como se dão seus acessos a informações e contatos; se dispõem de equipamentos de comunicação; quais são os lugares que consideram apropriados para se encontrar, seja virtualmente ou fisicamente; como negociam seu tempo para lidar com as demandas do curso universitário e em que medida o uso destes recursos tecnológicos contribui para estas negociações. Entendemos que estas novas tecnologias implicam repensarmos a ideia de sociabilidade como algo muito mais nômade (MAFFESOLI, 2010), vinculada ao paradigma das novas mobilidades de John Urry (2007).

Ao pensarmos o mundo através das lentes da mobilidade, identificamos uma série de sistemas lógicos que capacitam a circulação cada dia mais intensa de pessoas, informação e mercadorias, o que faz com que as relações sociais na contemporaneidade possam ser pensadas a partir das capacidades de mobilidade e das possibilidades de imobilidade dos indivíduos. Essa capacidade de experimentar a mobilidade ou a imobilidade reorganiza a vida social e define a sociedade contemporânea como uma sociedade que está permanentemente em movimento, e por isso deve ser analisada a partir do ponto de vista da experiência da circulação.

Na busca de mapear estas diferentes mobilidades e como se dão, nos interessa observar os movimentos de inclusão e exclusão que as tecnologias móveis e seus usos em sala de aula e em diferentes espaços ligados à vida universitária podem propiciar, a partir da ótica dos próprios discentes. Buscamos operar a partir de lógicas não binárias, como o ter ou não ter informação, pois o acesso às tecnologias implica gradações. O fato de não possuir um computador em casa não implica necessariamente exclusão, já que acesso pode se dar por outros caminhos, como trabalho, escola, *lan houses*, dentre outros (BONILLA e PRETTO, 2011).

III. Metodología

Alguns autores nos auxiliam a desenvolver uma metodologia de estudo coerente com nossas propostas de pesquisa. Büscher, Urry e Witchger (2011) buscam definir novas formas de análise e esclarecimento do fenômeno da mobilidade e suas diversas manifestações sociais. Oferecem uma



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

gama de novas práticas de investigação, denominadas “métodos móveis”, que seriam mais adequadas às pesquisas sobre as diversas interconexões entre pessoas, grupos, objetos, locais e sistemas, e, ainda, entre diferentes áreas de conhecimento, que se estabelecem a partir, por meio e em função de diferentes e interdependentes tipos de mobilidades e, consequentemente, de imobilidades.

Augé (2010, 2014) também contribui ao pensarmos o debate metodológico em um terreno mais fluido e fugidio. Ao discutir a ideia de uma antropologia da mobilidade, que se volta para esta nova forma de pensar o nomadismo que se relacionam com a mobilidade atual. Uma mobilidade na qual na qual o nomadismo implica este fazer muitas coisas sem sair do lugar, em termos geográficos, mas saindo, em termos virtuais, digitais e desterritorializados.

Em função das constantes interrupções no calendário da UERJ, o que aqui apresentamos são constatações parciais do material já organizado da pesquisa que segue em andamento. Foram aplicados 40 questionários¹ fruto de encontros presenciais, nos quais fazíamos uma breve apresentação da pesquisa e seu intuito. Com a concordância dos discentes, os questionários eram preenchidos nos intervalos das aulas, no espaço do Centro Acadêmico do curso de Pedagogia, na cantina e nos bancos do hall do curso, local de grande movimentação de docentes e discentes.

Os depoimentos coletados nos questionários aplicados com discentes do curso de Pedagogia da UERJ gravitam em torno de temáticas como relação com as novas redes, aplicativos e programas de comunicação digitais; facilidades e dificuldades para o uso das novas tecnologias dentro e fora da Universidade; relação entre aceitação ou não dos docentes para com o uso das novas tecnologias em sala e fora dela e se sentiam falta de uma formação que estivesse mais integrada ao uso das novas tecnologias na Universidade.

IV. Análises e discussão de dados

Com base nas informações contidas nos questionários, foram constatadas algumas informações bastante relevantes para a pesquisa. No que tange à faixa etária da amostra, os discentes apre-

¹ No presente trabalho, são apresentados dados relativos a questionários aplicados com estudantes do curso noturno, em função de ser este o turno no qual a docente e as alunas bolsistas que fazem parte da pesquisa se inserem.



sentavam as seguintes informações: até 25 anos: 61,53%, de 26 à 40 anos: 23,07%; acima de 40 anos: 15,38%.

Observamos que 92,30% dos pesquisados/as utilizam o grupo de WhatsApp da turma, o que facilita a circulação mais rápida de informes e dúvidas. Embora seja alto o quantitativo dos/as que acessam, há também um total de 2,56% de discentes que não utilizam estes recursos, o que faz com que muitas vezes se sintam excluídos/as das decisões da turma. Também tivemos um quantitativo de 5,12% de alunos/as que não responderam.

O e-mail da turma também se mostrou, segundo os alunos, um espaço de circulação de informações de grande importância como bolsas, comunicação com professores/as e trocas de links de vídeos e textos relativos ao curso e diferentes disciplinas. Desse modo, considerando a situação de instabilidades pela qual a UERJ atravessa, também são divulgados nos e-mails das turmas petições e abaixo-assinados. No caso dos e-mails, 87,17% se utilizam desse meio, 7,68% alegaram não utilizar, enquanto 5,12% não responderam.

Ainda no que se refere ao uso de tecnologias na Universidade, percebemos um movimento relacionado aos altos custos com Xerox de textos das disciplinas. Com isto, destaca-se um elemento fundamental relacionado ao uso das tecnologias móveis: a leitura através do dispositivo dos celulares. Neste item, o quantitativo de 76,92% dos/as alunos/as fazem leitura através deste recurso. 17,94% não usam e 5,12% não responderam.

Percebemos que existe uma demanda dos alunos no sentido de terem mais possibilidades de acesso ao universo digital e nesse sentido, o sinal do Wi-Fi é algo recorrente nas falas, assim como falta de computadores para uso e realização dos trabalhos e outras solicitações feitas pelos docentes, como pesquisas. A Faculdade de Educação não dispõe atualmente de um Laboratório de Informática próprio, havendo apenas um computador com acesso à Internet no Centro Acadêmico, que é muito disputado pelos discentes, sobretudo nos finais de semestre, além de três *netbooks* na biblioteca. Há uma sala de aula que dispõe de computadores com acesso à Internet, mas estes são para uso exclusivo durante as aulas que ali ocorrem.

Fazemos também menção a outro aspecto que se destacou nas respostas, que foi o aprendizado no âmbito doméstico. Se no começo do século XXI as escolas com aulas de Informática eram



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

diferenciais, bem como certificações em cursos extracurriculares de Informática (incluindo digitação), atualmente a questão do acesso às tecnologias de forma mais democrática, incluindo Internet de maior velocidade é um tema mais usual.

Tanto nas escolas quanto nas Universidades e na sociedade em geral, existe o interesse pelo acesso a computadores e redes Wi-Fi grátis, muito relacionados aos altos preços dos aparelhos de tecnologias móveis e a constante “inutilidade” e rápido processo de obsolescência dos mesmos frente a ausência de Internet, alto custo de manutenção dos equipamentos e dispositivos. Com estes empecilhos relacionados à manutenção, dificulta-se o acesso de quem não o possui em outros espaços, muito em função de falta de condições financeiras. Vemos assim se perpetuando mais uma forma de exclusão, e a contrapartida à inclusão digital como direito.

Com relação ao aspecto citado anteriormente, já existe toda uma discussão da Organização das Nações Unidas que em 2014 declarou que o acesso à internet, assim como o acesso à água, à luz é considerado direito humano básico². Esta demanda já era apresentada por pesquisas como a realizada pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP)³, porém, há que se problematizar se este direito busca unicamente formar cidadãos para uma formação mais adequada ao mercado de trabalho, ou que possam se beneficiar dos recursos digitais de forma mais ampla.

O letramento digital, portanto, começa a ser encarado não como parte de uma disciplina ou algo que possa se restringir a espaços específicos, mas como algo que possa ser inserido na discussão sobre formação continuada, pois demanda aprendizagem contínua de um campo que está permanentemente se reconfigurando, sendo altamente mutável. Consideramos de grande relevância que as Universidades e demais espaços educacionais possam rever seus tempos e espaços de modo a identificar as necessidades postas pela nossa sociedade.

Com relação aos cursos oferecidos anteriormente e que exemplificam demandas que nossos estudantes trazem, enfatizamos que os entrevistados sinalizam para a necessidade de uma capacitação voltada para os docentes que apresentam dificuldades em lidar com o uso das tecnologias em suas aulas. Tivemos depoimentos bem sugestivos, tais como o que indicou: *“Percebo a necessidade*

² Fonte: <http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/educacao-e-midia/onu-declara-acesso-a-internet-como-direito-humano-basico-e-a-escola-com-isso/> (Acessado em 03/10/2017)

³ Fonte: <http://www.usp.br/agen/?p=152175> (Acessado em 03/10/2017)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de oficinas de acesso às extensões de arquivos, compatibilidade com sistema operacional, assim como noções básicas de software”. A expressão “alfabetização digital” também surgiu em uma das falas, mas como algo que era visto como necessidade por parte dos/as professores/as da faculdade que na visão do/a aluno/a que respondeu a este questionário, não aparentavam ter domínio dos recursos para utilizá-los nas turmas. Os escritos foram bem incisivos: *“com relação a situações que observo sobre a relação dos docentes para com o uso das novas tecnologias, vejo que alguns precisam de alfabetização digital”* (grifos nossos). Com isto, pode-se inferir que tanto para discentes quanto para docentes, o acesso e uso das diferentes tecnologias é visto como necessário e de relevância para viabilizar relações de ensino e aprendizado mais efetivas.

Por não serem todos/as a que possuem outras redes de mediações ou auxílios em casa ou outros espaços, a ideia de uma “disciplina” foi evocada, numa tentativa dos discentes de tentar minimizar a distância que sentem dos que já trazem consigo todo um capital cultural herdado, nos termos de Bourdieu (1998), voltado para o uso de diferentes mídias. O trecho a seguir corrobora com tal preocupação: *“Sinto falta de uma formação acadêmica que esteja integrada ao uso das novas tecnologias, como uma disciplina para os excluídos, os analfabetos digitais. Dependendo da ajuda e orientação de filhos, colegas de turma e da pessoa que fica na Lan House”*.

Observamos ainda que os/as entrevistados/as que apresentam dificuldades no uso de tecnologias sinalizaram que no cotidiano da Universidade, por vezes, têm a impressão de estarem excluídos de participarem ou entregarem atividades que são solicitadas, por sentirem que são excluídos ou “analfabetos digitais”, uma vez que observam e pontuam nos questionários que o acesso, o conhecimento e o uso das novas tecnologias são saberes que os docentes consideram que todos já possuem. Muito pelo contrário, nos chama atenção o destaque que alguns trechos trazem para este aspecto da falta de acessos em outros espaços, para além da faculdade:

Em minha opinião nem todo mundo tem acesso ao computador, Internet, etc. em casa. Algumas disciplinas fazem uso de slides e colocam no e-mail da turma, para alguns isso é um adianto, mas para outros se torna complicado. Tive a disciplina de Tecnologias onde o uso era bem restrito enquanto que a maior parte de nós tinha que ver em casa.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Além da questão das redes familiares de apoio aos usos, a questão infra-estrutural não passou despercebida. Conforme já discutimos anteriormente, a falta de um Laboratório específico para o curso de Pedagogia é, na visão dos estudantes que preencheram os questionários, um grande empecilho. Pois além de falta de tempo, para muitos/as falta o próprio recurso em si e a falta dos mesmos em seus lares acaba por fazê-los com que busquem outros espaços para realizar as tarefas. O uso da Lan-House acabou surgindo como um destes espaços de sociabilidade e de possibilidade de novos tipos de conexões:

Na biblioteca tem poucos computadores, não temos acesso ao laboratório do décimo segundo andar, nem no centro acadêmico que foram roubados, o que significa que o estudante precisa acessar de casa e se não tem precisa ir numa Lan house.

Em suma, além da questão associada a uma reclamada falta de letramento digital, os discentes também fazem o apelo para que mais recursos sejam oferecidos, de modo que de fato possam explorar estes novos espaços de sociabilidade e de produção/difusão de seus conhecimentos.

A relação estabelecida entre artefatos tecnológicos e aprendizado tem sido oficialmente apresentada como forma de democratizar o ensino e nesse contexto estão em circulação significantes privilegiados (LACLAU, 2010, 2013) como inclusão digital e social, inovação e cidadania. Entendo que os significantes de inclusão e cidadania encontram-se articulados ao discurso da qualidade na educação e este significante também se apresenta como muito presente nos discursos que fazem menção ao uso das tecnologias.

Nesta disputa por significação, enfatizamos o estudo dos significantes privilegiados (LACLAU, 2010, 2013) de inovação, inclusão digital / social e cidadania que aparecem articulados à ideia de qualidade da educação. Por significantes privilegiados, Laclau entende noções que, dado seu forte apelo popular, acabam condensando em si uma série de significados, adquirindo assim o papel de articulação, dentro de um determinado contexto.

V. Conclusões

Podemos perceber com o auxílio de autores como Martín-Barbero e Rey (2004) a mudança de protocolos de leitura, o que acarreta um novo tipo de letramento propiciado pelo advento da ci-



bercultura (LÈVY, 1999). As tecnologias então seriam responsáveis por (re)organizar as práticas sociais, acarretando uma série de consequências consideráveis para pensar a leitura e a escrita no âmbito pedagógico.

Diante do que podemos constatar como a emergência da inclusão digital enquanto aspecto emergente da retórica do século XXI, ainda nos deparamos com diversos aspectos a serem abordados, tais como o problema da exclusão digital, seja pela falta de acesso, pela dificuldade no uso (questão do letramento digital), ou por diversos outros elementos que dificultam esta retórica se efetivar em práticas.

Entendemos que algumas iniciativas se fazem necessárias para facilitar os processos de letramento e inclusão digital, demandando elementos como vontade política e ações coletivas institucionais e individuais, infraestruturas e aplicações (por exemplo, de redes sem fio, redes fixas e ferramentas de colaboração), vinculação de bibliotecas e conexão com equipamentos e redes digitais, acesso à informação e trabalhos que objetivem a ampliação da ideia de letramento para aglutinar tanto textos quanto hipertextos.

Utilizando a ideia de alfabetização informacional apresentada por García-Moreno (2011), mas ressignificando-a para pensar a noção de letramento digital, entendemos que estes movimentos implicam o desenvolvimento de toda uma capacidade de obter maior autonomia na seleção, avaliação e processamento de informações, e também um trabalho de formação ao longo da vida.

Apesar de entendermos que existem diferentes formas pelas quais os/as discentes acessam os recursos tecnológicos para suas atividades acadêmicas e extra-acadêmicas, muitos/as ainda se sentem "excluídos no interior", nos dizeres de Pierre Bourdieu e Patrick Champagne (2007), por não disporem deste "capital de rede" ao qual se referiam Elliot e Urry (2010).

Entendendo que as diferenças e as desigualdades de acesso e uso (GARCÍA CANCLINI, 2007) existentes não só em nível local, mas também global são imensas, o que nos faz identificar a existência destes "excluídos no interior das salas de aula" (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 1998) e como sua desconexão se faz presente. Apesar de identificarmos que existem diferentes formas pelas quais os discentes acessam os recursos tecnológicos para suas atividades acadêmicas e extra-acadêmicas, muitos/as ainda sentem certa carência no que tange ao uso mais voltado para finalida-



des acadêmicas, gerando certa exclusão em relação a colegas de turma que já tenham mais domínio de tais recursos.

Consideramos que embora a Universidade lide com um público de alunos/as diversificado, com um grupo bastante conectado que em sua maioria nos demonstrou ter facilidade com a cultura digital, alguns não dispunham destes recursos (VELLOSO, 2017). Muito ainda há que se avançar para que este contingente de discentes possam se sentir integrados e de fato inseridos nesta cultura de letramento digital. Um trabalho de formação contínua que contribua para que as tecnologias possam unir e aproximar o corpo discente da instituição de ensino e seus atores, cada vez mais e tornando-se potências criadores nos processos de ensino e aprendizado.

VI. Bibliografía

AUGÉ, Marc. *Por uma Antropologia da Mobilidade*. (2010). Maceió: EDUFAL: UNESP.

_____. *O antropólogo e o mundo global*. (2014). Petrópolis, RJ: Vozes.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. (1999). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Vida Líquida*. (2009). 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar.

BONILLA; Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson (orgs.). *Inclusão Digital: polêmica contemporânea*. (2011). Salvador: EDUFBA, V.2.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATTANI, A. (org.). *Escritos de Educação*. (1998). Petrópolis: Vozes, p.39-64.

_____. ; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, M. A.; CATTANI, A. (org.). *Escritos de Educação*. (1998). Petrópolis: Vozes, p. 217-227.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). et al. *A questão política da educação popular*. (1987). São Paulo: Editora Brasiliense.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

BÜSCHER, Monica ; URRY, John ; WITCHGER, Katian. *Mobile Methods*. (2011). London: Routledge.

BURITY, Joanildo Albuquerque. Teoria do Discurso e Educação: reconstruindo o vínculo entre cultura e política. (2010). *Revista Teias*. v. 11, n. 22, p. 07-29, maio/agosto.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. (1999). Volume I. São Paulo: Editora Paz e Terra.

_____. *O poder da identidade*. (2008). Volume II. 6.ed. São Paulo: Editora Paz e Terra.

_____. *Fim de milênio*. (2012). Volume III. 6. Reimpressão. São Paulo: Editora Paz e Terra.

_____. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. (2003) Rio de Janeiro, Zahar.

_____. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet*. (2013) Rio de Janeiro: Zahar.

_____. *O poder da comunicação*. (2015). 1.ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra.

DELEUZE, Gilles, Introdução: Rizoma. In: _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. (2011). 2.ed. vol.1. São Paulo: Editora 34, p. 17-49.

ELLIOTT, A.; URRY, J. *Mobile Lives*. (2010). London: Routledge.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. (2001). 4.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

_____. *Diferentes, desiguais e desconectados*. (2007). 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

_____. *Leitores, espectadores e internautas*. (2008). São Paulo: Iluminuras.

GARCÍA-MORENO, Maria Antonia. As Tecnologias da informação e comunicação no contexto da alfabetização digital e informacional. (2011). In: CUEVAS, Aurora; SIMEÃO, Elmira (orgs.). *Alfabetização informacional e inclusão digital: modelo de infoinclusão social*. Brasília: Thesaurus, p.39-53.

GREEN, Bill; BIGUN, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Alienígenas na sala de aula*. (2005). 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p.208-243.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. (2012). São Paulo: Editora 34.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

JOHNSON, Steven. *Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. (2001). Rio de Janeiro: Zahar.

LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. (2013). São Paulo: Três Estrelas.

_____. ; MOUFFE, Chantal. *Hegemonía y estrategia socialista: Hacia una radicalización de la democracia*. (2010). 3. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social*. (2012). Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc.

LE MOS, André. *A comunicação das coisas: teoria do ator-rede e cibercultura*. (2013). São Paulo: Annablume.

LE MOS, R. ; DI FELICE, M. *A vida em rede*. (2014). Campinas, SP: Papyrus 7 Mares.

LÈVY, P. *Cibercultura*. (1999). São Paulo: Ed. 34.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. (2010). 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

_____. *Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. (2001). Rio de Janeiro: Record.

MARTÍN-BARBERO, J. Desafios culturais da comunicação à educação. (2000). *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 18, p. 51-61, maio/ago.

_____. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. (2003). 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ.

_____. ; REY, Germán. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. (2004). 2.ed. São Paulo: Senac São Paulo.

SOARES, Magda. *Alfabetização e Letramento*. (2017). 7. ed. São Paulo: Contexto.

URRY, J. *Mobilities*. (2007). Cambridge: Polity Press.

_____. *Sociology Beyond Societies: mobilities for the twenty-first century*. (2000). London: Routledge.

VELLOSO, Luciana. *e-Mosaicos: Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp/UERJ)*. V.6 – N.12, Agosto de 2017, p. 176-189.